

SILVA, Renata P. **Outros espaços**: a escola praticada cenicamente. Palmas: Universidade Federal do Tocantins. Professora Assistente. UNESP. Doutoranda. Orientadora: Carminda Mendes André. DINTER/CAPES.

RESUMO

Este artigo é um recorte do percurso que esta pesquisadora vem traçando em seu doutorado no campo da Pedagogia do Teatro, cujos interesses se voltam para o fazer teatral e os atravessamentos cotidianos no espaço da escola pública. Provocada pelo movimento dos praticantes do espaço escolar e a compreensão deste como um terreno desafiante para o fazer teatral, a autora convida a pensar a escola pública praticada cenicamente, inventando outros espaços dentro de um lugar estabelecido, apropriando-se do que o contexto escolar nos oferece, num fazer coletivo que se move nas (im)possibilidades e (im)previsibilidades desse lugar, criando espaços de troca e fazendo dela um lugar praticado por todos. Sendo assim, na intenção de inventar esses outros espaços e, também, provocar outros olhares sobre a escola e a ação docente em Teatro, apresenta uma ação realizada com crianças da Educação Infantil de uma Escola Pública Rural no interior do Tocantins, em que lança algumas discussões acerca da prática teatral na escola, em diálogo com o conceito de Heterotopias de Michel Foucault, apoiada por outros estudiosos/as, como Silvio Gallo, Alfredo Veiga-Neto, Michel de Certeau e Marina Marcondes Machado. Por fim, destaca-se que a imersão desta pesquisa na realidade da escola, tem buscado olhar para este lugar e despertar outras possibilidades de pensá-lo e escrevê-lo, estando em seu próprio chão.

Palavras-chave: Espaço escolar. Heterotopias. Teatro na escola. Pedagogia do teatro. Formação de professores.

Other spaces: the school practiced cenically

ABSTRACT

This article is a cut of the course that this researcher has been tracing in her doctorate in the field of Theater Pedagogy, whose interests are turned to the theatrical doing and the daily crossings in the space of the public school. Invoked by the movement of school-based practitioners and their understanding as a challenging terrain for theatrical performance, the author invites us to think about the scenic practice in the public school, inventing other spaces within an established place, appropriating what the school context offers, in a collective doing that moves in the (im)possibilities and (un)predictabilities of that place, creating spaces of exchange and making it a place practiced by all. Thus, with the intention of inventing these other spaces and also instigating other visions

about the school and the teaching activity in Theater, it presents an action realized with children from the Early Childhood Education of a Rural Public School in the interior of Tocantins, in which it launches some discussions about the theatrical practice in the school, in dialogue with the concept of Heterotopias of Michel Foucault, supported by other scholars such as Silvio Gallo, Alfredo Veiga-Neto, Michel de Certeau and Marina Marcondes Machado. Finally, it is emphasized that the immersion of this research in the reality of the school, has tried to look at this place and to awaken other possibilities of thinking and writing it, being in its own ground.

Keywords: School space. Heterotopias. Theater in the school. Theater pedagogy. Teacher training.

Para situar o percurso

Em meu percurso de pesquisa dentro da Pedagogia do Teatro, tenho me interessado pelo espaço escolar e os atravessamentos no fazer teatral dos praticantes da escola pública. Como professora de estágios na Universidade Federal do Tocantins - UFT, no Curso de Licenciatura em Teatro¹, posso dizer que estou “sempre em movimento” entre a Universidade e a Escola, conhecendo professores/as, alunos/as, funcionários/as, encontrando-me com as pessoas e compartilhando o cotidiano que acontece em cada instituição.

A proximidade com a escola e as questões do estágio, nos períodos de orientação (Universidade) e supervisão (Escola), tem despertado a percepção de que o espaço físico e a arquitetura escolar são um desafio, tanto para os estagiários/as, futuros/as professores/as de Teatro, quanto para os profissionais que já atuam na escola. Diante disso, compartilho algumas discussões que venho tecendo em minha pesquisa de Doutorado, em que proponho ações que se movam nesse terreno, inventando *outros espaços* dentro de um lugar estabelecido. Para tanto, convido pensar a escola pública praticada cenicamente², apropriando-se do que o contexto escolar nos oferece,

¹ Professora Orientadora dos Estágios no Curso de Licenciatura em Teatro: Estágio Supervisionado Obrigatório I (Observação Ensino Fundamental) e Estágio Supervisionado Obrigatório III (Observação e Prática Pedagógica no Ensino Médio)

² Pesquisa de Doutorado em andamento, iniciada no ano de 2016 no Dinter em Artes (UNESP/UFT). Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho. Linha de Pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural. Orientadora: Prof^aDr^aCarmina Mendes André.

num fazer coletivo que se move nas (im)possibilidades e (im)previsibilidades desse lugar, criando espaços de troca, fazendo dela um lugar praticado por todos, na busca por uma escola que (re)aproxime dentro e fora, uma vez que esta é a realidade que se apresenta cotidianamente aos seus praticantes.

Assim sendo, apresento uma ação realizada com crianças da Educação Infantil de uma Escola Pública Rural na Comunidade Mangueiras³, no interior do Estado do Tocantins⁴, em que buscamos coletivamente praticar cenicamente a escola e inventar espaços, apropriando-nos dos acontecimentos cotidianos e das (im)possibilidades oferecidas pela realidade que a instituição escolar nos apresenta, a fim de discutir e refletir um fazer teatral que se (re)constrói no contexto em que se encontra e dele se apropria para que possa acontecer.

Deste modo, na intenção de inventar esses *outros espaços* e, também, provocar *outros* olhares sobre a escola e a ação docente em Teatro, lanço algumas discussões entrelaçando os acontecimentos do chão da escola e alguns conceitos de autores que tem me acompanhado ao longo desta pesquisa. Em especial, o conceito de Heterotopia, de Michel Foucault, para o qual este artigo se dedica, apoiada por autores como Michel de Certeau, Silvio Gallo, Alfredo Veiga-Neto, Marina Marcondes Machado, entre outros, que possibilitam ampliar a discussão acerca desse fazer teatral como possibilidade de produzir a escola como Heterotopia.

Por fim, destaco que a imersão desta pesquisa na realidade da escola, tem buscado olhar para este lugar e despertar outras possibilidades de pensá-lo e escrevê-lo. Por isso lanço-me ao desafio de inventar *espaços outros*, na realidade da escola mesma, a fim de demonstrar que nas ações cotidianas, podemos produzir a diferença dentro deste contexto.

Primeiro percurso - Escola: leituras e reflexões

Neste primeiro percurso, busco apresentar a escola sob uma perspectiva mais teórica, de forma a expor o pensamento de alguns autores,

³ Nome fictício, para preservar a identidade da Comunidade participante.

⁴ Essas ações fazem parte de um conjunto de práticas que realizei no Doutorado em parceria com a professora da turma, ao longo de três meses.

em especial, Michel Foucault, acerca de um modelo de educação e de instituição escolar, que corroboram para uma formação disciplinar e a produção de corpos dóceis e submissos a um sistema maior.

Apesar de a educação não ter sido um dos assuntos com os quais Foucault se preocupou de forma central e dedicou-se a escrever especificamente, é possível dizer que esta ocupava espaços marginais em suas obras (GALLO, 2015). Ainda assim, seus estudos são referência para as várias pesquisas em Educação e demais áreas de conhecimento que se interessam em discutir problemáticas educacionais, uma vez que a obra de Foucault possibilita traçar diferentes diálogos.

Nas obras de Foucault, pode-se perceber que a temática da arquitetura possui estreita ligação com as questões de poder, uma vez que o autor a distingue em arquitetura do espetáculo e arquitetura da vigilância. Essa relação entre arquitetura e poder se evidencia na forma como o espaço se organiza, a fim de ofertar uma distribuição que possibilite ao movimento do olhar, uma total visibilidade, ou seja, o poder da vigilância. (CASTRO, 2016, p.42)

Ao aproximarmos estas relações de arquitetura e poder, do contexto escolar, está presente na obra de Foucault, as discussões da escola, como instituição disciplinar. Em Vigiar e Punir (2013b), encontra-se uma excelente referência para compreendermos isso. O estudo feito pelo autor, principalmente, acerca das disciplinas, possibilita observar a escola como instituição dedicada a fabricação de corpos dóceis e submissos:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". (FOUCAULT, 2013b, p.133)

Diante disso, compreendo que Foucault vai dizer acerca da configuração de um lugar disciplinar, em que cada coisa ocupa sua posição, pretendendo-se uma organização e conseqüentemente o controle e a vigilância desses corpos

no lugar que se encontram. Para Foucault, a escola é um lugar onde reina a disciplina, uma instituição de adestramento físico, em que crianças e jovens são submetidos a técnicas de dominação e produção de acordo com normas determinadas, sob um sistema de vigilância (CASTRO, 2016, p. 149).

Ainda assim, alinhado ao pensamento de Foucault, é necessário compreender que essa disciplina e o exercício desse poder, operam de forma minuciosa nas instituições em que atuam, uma vez que “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 2013b, p.133). Diante disso, o controle exercido pelas instituições disciplinares, como a escola, se manifesta de diversas formas e por meio de dispositivos distintos, muitas vezes, imperceptíveis.

Assim, o sistema educacional traça suas estratégias para direcionar a formação de nossas crianças, sem levar em conta o contexto de cada instituição. As estratégias utilizadas pelo sistema educacional, podem ser compreendidas como modos de agir de um poder maior, que deseja se instaurar e impor suas regras. Para tanto, a fim de ampliar esta discussão, alinhado ao pensamento de Foucault, os estudos de Michel de Certeau e seu conceito de estratégia, para pensar esses acontecimentos que habitam o território escolar:

A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar. (CERTEAU, 2013, p. 93)

Desta maneira, a maioria das escolas públicas brasileiras está submetida a um modelo de funcionamento que lhe impõe determinada organização, na tentativa de gerir e controlar essas instituições e seus praticantes. As imagens e experiências na convivência com o cotidiano escolar possibilitam evidenciar que os padrões determinados por este sistema, se revelam na escola, por meio de propostas curriculares que, no cotidiano se

manifestam em sua configuração espacial, distribuição de horários, métodos de avaliação, escolha de conteúdos, etc.

Sendo assim, após uma organização superior e imposta às instituições escolares, considero que o controle e manutenção dessas estratégias vão sendo atribuídos à determinados praticantes do ambiente escolar. Observo, o professor, por exemplo, controlando horários e a distribuição do tempo em atividades na sala de aula. “Assim como o espaço, para a maior economia do poder disciplinar é preciso que o tempo em que se dão as experiências individuais siga uma ordenação.” (VEIGA-NETO, 2000, p.04).

Ao presenciar tais situações, percebo professores e crianças subordinados a um sistema maior que impõe um tempo, um currículo e um espaço a ser utilizado:

Sob o discurso da democratização da escola, ou mesmo da escola única, essa perspectiva homogeneizante expressa uma determinada forma de conceber a educação, o ser humano e seus processos formativos, ou seja, traduz um projeto político pedagógico que vai informar o conjunto das ações educativas, que ocorrem no interior da escola. Expressa uma lógica instrumental, que reduz a compreensão da educação e de seus processos a uma forma de instrução centrada na transmissão de informações. Reduz os sujeitos a alunos, apreendidos sobretudo pela dimensão cognitiva. O conhecimento é visto como produto, sendo enfatizados os resultados da aprendizagem e não o processo. Essa perspectiva implementa a homogeneidade de conteúdos, ritmos e estratégias, e não a diversidade. (DAYRELL, 1996, p. 5)

Ainda assim, frente a todas as questões que aqui se apresentam e possibilitam compreender a escola como instituição que abriga um saber-poder que se manifesta em suas diversas estratégias de controle e disciplina, a convivência com o cotidiano escolar, em especial nesta pesquisa doutoral, possibilita compreender que sua definição não se limita ao conceito de um lugar disciplinar. As experiências de seus frequentadores, alunos, professores e funcionários - praticantes ordinários do cotidiano escolar - abrem brechas e criam movimentos, inventando, muitas vezes, *outros espaços* no lugar instituído, evidenciando que “a aprendizagem coloca-se para além de qualquer controle”. (GALLO, 2008, p.67)

Isto posto, ousou interromper este percurso, lançando algumas especulações: Sendo a aprendizagem algo que escape ao controle, provocar ações para que a experiência do conhecimento escape à sala de aula é uma

possibilidade de resistência ao aprisionamento desta aprendizagem? É possível inventar outras escolas dentro da escola mesma?

Segundo percurso – Escola: pés no chão

Neste percurso, a fim de ampliar a discussão que venho tecendo nesta escrita e fortalecer as especulações que sobrevoam esta reflexão, compartilho uma experiência realizada na Escola Municipal Mangueiras, instituição pública rural, localizada na Comunidade de Mangueiras, Município de Augustinópolis (TO), junto a uma turma de Educação Infantil com 15 crianças, com idade entre 04 e 05 anos. Esta escola e seus praticantes marcam presença no percurso que venho traçando na pesquisa de Doutorado, cujo principal objetivo é a investigação da escola como Espaço Cênico.

Para tanto, escolhi relatar uma prática com tecidos e balões coloridos, que foi realizada dentro da sala de aula, a fim de explorar este lugar que as crianças passam a maior parte do tempo, quando estão na escola. Esta prática compõe um movimento que chamei de habitações lúdicas⁵, cuja proposta é modificar ambientes da escola, disponibilizando materiais pouco estruturados, para que as crianças se apropriem e pratiquem o espaço, na tentativa de provocar *outrosolhares* e usos para além das ocupações funcionais e naturalizadas, (re)significando o lugar institucional.

Começamos...

Preparei a sala com os materiais e deixei tudo pronto à espera dos pequenos/as.

⁵ Este movimento é composto por um conjunto de ações que foram realizadas em diferentes espaços, incluindo ambientes internos e externos à Escola Municipal Mangueiras.

Imagem 1 - Sala de aula com tecidos e balões para a ação com as crianças.



Foto: Renata Patrícia. Acervo pessoal da pesquisadora

Quando abri a porta da sala, os pequenos já borbulhavam curiosidade e perguntavam se “podiam entrar”. Pezinhos descalços avançaram sala adentro e ocuparam todo o ambiente...

Estavam livres para brincar e criar no espaço composto para eles. Alguns pegavam os tecidos, outros os balões. Havia aqueles que brincavam com os dois objetos. Observo que o tecido ganhava a preferência da maioria, por possibilitar maiores explorações. Por meio dele são criados vestidos, capas de super-heróis, fantasmas, princesas, monstros, cobras, carrinhos, entre outras criaturas e objetos.

Diante deste movimento, procurava me situar taticamente no espaço brincante instaurado pelas crianças. Numa espécie de ausência-presente me colocava e me retirava da brincadeira, a fim de perceber o jogo que se criava e se desfazia entre nós e, quais momentos eu era chamada a participar e assim estimular sua continuidade. Em meio a isso, corria dos monstros e das cobras que vinham me atacar, peço socorro para os super-heróis, fujo nos carrinhos de tecidos e também os dirijo, carregando um amontoado de crianças. Crio asas de morcego, jogo vôlei com balões e num movimento pueril, voltava a ser espectadora e fotógrafa.

Em minha posição de observadora, percebo que os balões são usados para decorar o espaço da sala que vai se transformando em uma comunidade de cabanas feitas de carteiras e tecidos, isso me traz uma ideia para o tempo do recreio, que vinha se aproximando. De repente... somos chamados pelo som de um chocalho, que anunciava este momento.

Antes de sair da sala, as crianças pediram se poderiam brincar com os balões no recreio. Naquele momento, transbordando a sala de aula, nossa ação rompia o tempo da aula de Teatro e se estendia para toda escola. Sendo assim, pedi a cada criança que levasse 02 balões, um para si e outro para presentear um colega⁶ da outra turma.

Imagem 2 - Crianças e balões durante o recreio na Escola Mangueiras. Foto: Renata Patrícia



Foto: Renata Patrícia. Acervo pessoal da pesquisadora

Pude acompanhar as crianças brincando no recreio. O colorido dos balões em meio ao verde, crianças pulando, jogando os balões para cima. Eram imagens que expressavam a beleza do brincar livre. Considero que havia ali uma extensão da ação que propusemos em sala, um transbordamento da (re)significação do espaço que iniciara entre as paredes e, naquele momento,

⁶ Como se trata de uma escola rural em uma comunidade pequena, a instituição abriga apenas 02 turmas em cada período (matutino e vespertino).

se apropriava de toda a escola, pela atuação de seus praticantes. Para Marina Marcondes Machado:

O brincar, o trabalho com a palavra e o fazer teatral são três âmbitos intimamente ligados. Proponho que o pano de fundo ou a tela de projeção desses contextos e situações seja a espacialidade vivida. Ocupação dos espaços “de dentro” e “de fora”; de dentro da sala de aula e do lado de fora (parque, muros, calçada da rua!) mas também de dentro de si (criação de personagens) e de fora (espacialização dos contextos e situações dos personagens criados). O espaço cênico é dependente do tempo teatral: tempo-espaco de criação humana e de aprendizagem de transformação. Toda essa materialidade leva o aprendizado teatral e artístico para um campo político e social dos mais importantes e significativos. (MACHADO, 2016, p.20)

Reflijo que possibilitar o transbordamento das ações que realizamos na escola, é um ato de permitir-se à experiência de um fazer coletivo, que se fortalece nos encontros e se deixa contaminar pelo contexto em que se encontra. Enquanto observava as crianças brincando em sala de aula, fui despertada por uma continuidade da ação com os balões em outras áreas da escola, com a intenção de criar instalações e intervenções no espaço da instituição. Contudo, frente à ideia dos pequenos(as) em levar os balões para o momento do recreio, considero que minha prática foi, novamente, atravessada pelos acontecimentos da escola e caminhou para um lugar imprevisto.

Estar aberta a caminhar pelo desconhecido, abandonando os roteiros não é uma fácil decisão, quando nos encontramos dentro da escola. Contudo, “estar vivo é estar permanentemente em conflito, produzindo dúvidas, certezas inquestionáveis. Estar vivo é assumir a educação do sonho no cotidiano”. (FREIRE, 2017, p. 34). Observo que tal atitude, colocava-me à prova das (im)previsibilidades e atravessamentos, levando-me para outros lugares que, possivelmente, eu não soubesse lidar. Ainda assim, era melhor caminhar junto e compartilhar a experiência de estar viva e em movimento.

Aliado a isso, a compreensão da aula de teatro como ato performativo, corrobora com a compreensão de que uma aula de teatro pode ser um acontecimento cênico, provocador de experiências estéticas para alunos/as e professores/as dentro da escola. O que possibilita a exploração de uma teatralidade cotidiana, apropriação e (re)significação dos espaços escolares. O

conceito de ato performativo é discutido por Marina Marcondes Machado, que o define da seguinte forma:

[...] os atos performativos podem ser tanto momentos que o adulto prepara, bem como os usos de tempos e espaços, materiais e relações, das crianças viventes. São também relações entre adultos e crianças no tempo-espaço dedicado aos âmbitos artístico-existenciais.

Importante destacar que se as experiências dos atos performativos – mesmo as mais íntimas e singulares – dão-se nas relações, brotando das situações coletivas e compartilhadas, portanto são também, sempre, ‘interiores’ e ‘exteriores’: intersubjetivas (MERLEAU-PONTY, 1999). E, no campo relacional, o adulto tornaria-se uma espécie de modelo *zen*: esvaziado de expectativas prévias, estará presente e ausente. Seu corpo encarna seu percurso, biografia e poética própria. Foco no outro é o lema desta prerrogativa; tornar visível quem somos, para assim proporcionarmos à criança a descoberta de si, do outro, do mundo. (MACHADO, 2015, p. 57)

Sendo assim, retomando, a especulação lançada, considero que ao propor ações que se movimentem por percursos outros, observo que nos apropriamos do lugar e seus acontecimentos para provocar um olhar e ações que rompam com aquilo que já se tornou naturalizado. Não se trata de negar o instituído e propor metodologias inovadoras que venham romper com toda a construção que já se encontrava naquele espaço antes de nós. Trata-se de apropriar-se do que temos e fazer de outra forma na escola mesma, gerar movimentos de transgressão, (trans)formação e (re)significação. Podemos inventar muitas escolas dentro de uma só.

Terceiro Percurso – Escola: a invenção de espaços ou Heterotopias cotidianas

Mesmo Foucault tendo feito críticas bastante contundentes à escola, tratando-a como instituição disciplinar dedicada a produzir corpos dóceis, produtivos e obedientes. A escola como um lugar em que opera a vigilância, a punição e estratégias de controle de um poder maior e a pedagogia como uma forma de assujeitamento (GALLO, 2015). Ainda assim, é possível recorrer à Foucault e seus escritos para pensar a escola e a prática docente, em especial, a prática teatral, de modos outros:

[...] Foucault nos convida – ou melhor, nos impõe – a pensar de outros modos: a possibilidade de fazer uma escola outra na escola estabelecida. O posicionamento do “fora” da escola (a escola outra)

na escola mesma. E, em meu ponto de vista, esta perspectiva é bem mais real do que a produção de uma utopia pedagógica. Em outras palavras, para além de uma utopia pedagógica, heterotopias pedagógicas; para além de uma outra escola, a produção cotidiana de escolas outras, lá, no interior da escola mesma. (GALLO, 2015, p.442)

Por isso, neste terceiro percurso, desejo refletir acerca de um fazer teatral que inventa espaços e cria a partir dos atravessamentos cotidianos e do contexto em que se insere, outras escolas dentro da escola mesma. Para tanto, a partir da ação realizada com as crianças, dialogo com Foucault e o conceito de Heterotopias, a fim de pensar e olhar a escola por outros ângulos.

Acerca do conceito de Heterotopias, este não foi um conceito aprofundado ou amplamente discutido pelo filósofo. Diante disso, escolho apresentá-lo, primeiramente, em contraposição ao conceito de Utopias, a fim de estimular o pensamento da produção de *outros espaços* reais, dentro do lugar que nos encontramos:

As utopias são os posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irrealis. Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contrapositionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopia. (FOUCAULT, 2009, p.415)

Diante das palavras de Foucault, pode-se considerar que ao ponto que as Utopias produzem espaços irrealis, as Heterotopias são contraespaços, ou seja, são a produção daquilo que pode ser diferente e inquietante no espaço mesmo. Para ampliar o conceito discutido pelo autor:

Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. O teatro, que é uma heterotopia, perfaz no retângulo da cena toda uma série de lugares estranhos. O cinema é uma

grande cena retangular, no fundo da qual, sobre um espaço de duas dimensões, projeta-se um novo espaço de três dimensões. Porém, o mais antigo exemplo de heterotopia seria talvez o jardim, a criação milenar que tinha certamente no Oriente uma significação mágica. (FOUCAULT, 2013a, p.24)

Isto posto, pode-se compreender que o conceito de Heterotopia, quando trazido para o contexto da escola, possibilita sua discussão a partir da produção de um contraespaço, no contexto da instituição disciplinar. Ao invés de nos acomodarmos no desejo de uma escola utópica, cabe-nos a posição de movimentar ações para a produção de uma escola heterotópica, um espaço real, que tenciona o que está posto, produzindo diferença, uma utopia localizada, como nos diz Foucault.⁷

Silvio Gallo, corrobora com este pensamento ao afirmar que:

Assim, uma via para pensar alternativamente a escola é a de pensá-la orientada para a vida e não para o saber. Uma escola que seja um lugar de aprender a viver, um lugar de exercício de inquietar-se consigo mesmo, de vivenciar o cuidado de si, de conhecer-se para ser e para bem viver, de produzir-se a si mesmo como um sujeito singular. Poderíamos ver essa tarefa do repensar e refazer a escola como utopia; mas também podemos vê-la e praticá-la como heterotopia. (GALLO, 2015, p. 445)

Assim, reflito que a produção da escola como Heterotopia começa acontecer a partir do momento que abrimos as primeiras frestas no lugar⁸ institucionalizado. Ou seja, quando começamos a inventar *espaços outros* dentro da organização disciplinar, gerando mobilidade e desestabilizando uma padronização imposta⁹, seja ela de ordem espacial, curricular ou temporal.

⁷ Ainda assim, faz-se importante destacar que neste artigo, vai-se além de Foucault, sem receio de em algum momento chegar a contradizê-lo ou apropriar-se de seus estudos para defender determinados posicionamentos.

⁸ Para Michel de Certeau: “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (CERTEAU, 2013, p.184)

⁹ Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] Diversamente do lugar, não tem, portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. Em suma, o espaço é um lugar praticado. (CERTEAU, 2013, p.184)

Por isso, penso no fazer teatral do professor que, junto a seus alunos/as também cria *espaços outros* no ambiente institucionalizado. Logo, ao refletir sobre o professor como praticante da escola, considero que sua ação teatral atua como uma possibilidade de aproveitar essas rupturas, para criar outros espaços e atribuir a eles novos usos. Ações que, coletivamente, vão “jogar com o terreno que lhe é imposto” (CERTEAU, 2013, p. 94), problematizando as questões que atravessam o cotidiano da escola e deixando-se contaminar pelo contexto em que se encontra.

Portanto, considero que a partir do momento que o teatro acontece dentro da escola provocando experiências que possibilitam a invenção de *espaços outros*, bem como a (re)significação da escola e do seu cotidiano, fortalecendo-se numa prática pedagógica contaminada pelo contexto sócio-político-cultural que se encontra e privilegiando ações coletivas, está produzindo a escola como Heterotopia e fazendo da mesma este espaço de inquietação e produção de si.

Uma pausa para refletir ou considerações finais

Eu poderia dizer que este é o fim do percurso que iniciei neste artigo. Contudo, minha prática de pesquisa com o Teatro na escola me provoca a estar em constante movimento. Diante disso, prefiro considerar que estas palavras finais atuam como reflexões de um momento de pausa num percurso que continuará traçando caminhos pelo chão da escola pública.

Ao analisar os percursos percorridos por este artigo, buscou-se discutir a escola sobre diferentes perspectivas, a fim de refletir a respeito de um fazer teatral que, atravessado pelos acontecimentos cotidianos, possibilita a criação de espaços outros no lugar institucionalizado da escola disciplinar, produzindo-a como Heterotopia.

Assim, pode-se compreender que a partir da definição da escola como instituição disciplinar, estão presentes neste lugar a institucionalização, um sistema de normas, disciplinas, entre outras práticas que caracterizam certa imobilidade, uma vez que são determinadas por um “próprio”, ou um poder maior que organiza o sistema público escolar. Por outro lado, quando observa-se a realização de ações coletivas que desestabilizam essa estabilidade,

compreende-se que nessa mesma escola, co-habita a mobilidade de seus praticantes, que abrem brechas e criam *outros espaços* no lugar instituído.

Em meio a um sistema de regras e certas imobilidades, operam as práticas e os movimentos, criando *outros espaços*. No cotidiano da escola acontecem as invenções e transgressões. Por isso, considero que a escola pode ser, também, um espaço para a subjetivação e são seus próprios alunos/as, professores e funcionários/as que encontram essas formas de romper com o lugar instituído, transformando-o em *outroespaço*.

Portanto, ao pensar a escola como Heterotopia, reflito sobre a micropolítica diária do professor que, em seu fazer teatral, inventa, problematiza e cria modos outrosdentro de um lugar com normas e modos de fazer, muitas vezes, cristalizados ou até mesmo impostos, mas que, atento aos modos de fazer dos praticantes da escola, pode e (deve) inventar outras escolas reais dentro da escola mesma, a partir da sua ação pedagógica artística e coletiva.

Referências

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** - um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução: Ingrid Müller Xavier. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. 20ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III)**. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa - 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições. 2013a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Silvio. Pensar a escola com Foucault: além da sombra da vigilância. *In*: CARVALHO, Alexandre Filorde; GALLO, Silvio. (org). **Repensar a educação: 40 anos após vigiar e punir**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

MACHADO, Marina Marcondes. Só rodapés: um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria. **Revista Rascunhos**. Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 53-67, jan./jul. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/28813>. Acesso em: 30 nov. 2018.

MACHADO, Marina Marcondes. MAPEIE-SE! E busque de modos criativos de ser e estar no mundo para relacionar-se com a artisticidade das crianças. **Revista TEATRO: criação e construção de conhecimento**. Palmas, v.4, n.5, p. 14-22, jan/jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/renat/Downloads/2372-Texto%20do%20artigo-12887-2-10-20160726.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Espaços, tempos e disciplinas**: as crianças ainda devem ir à escola? Texto para o Simpósio Espaços e tempos escolares, no 10º ENDIPE, Rio de Janeiro. 2000. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta5.4.htm>. Acesso em: 30 nov. 2018.